



**O colégio nossa senhora das dores:
vestígios de uma prática educacional confessional na segunda metade do
século XIX.**

Beatriz Danúbia Dias¹

1. Introdução:

O presente trabalho procura visualizar as alunas do Colégio Nossa Senhora das Dores, em Diamantina (MG), na segunda metade do século XIX. Pretende identificar as práticas formativas de ensino aplicadas para a formação e educação das alunas, priorizadas pela Igreja Católica e associada à sociedade mineira.

Nessa perspectiva, serão tratados os métodos de ensino aplicados a esta formação religiosa e educacional, os quais serão identificados no desenvolver deste trabalho.

2. Problemática:

O interesse pelo século XIX associa-se a desvendar os elementos que expressam os conceitos de gênero na sociedade mineira neste momento, particularmente seus códigos normativos, traduzidos nas doutrinas, instituições e práticas escolares religiosas. Este foi o momento de implantação e fortalecimento da educação feminina escolarizada no território mineiro, o que acarretou na abertura do Colégio Nossa Senhora das Dores em 1866, na cidade de Diamantina.

3. Objetivos:

¹ Bacharel em Humanidades pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Graduanda de Licenciatura em História da UFVJM.
bia_ddias@hotmail.com
Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Cristina Pereira Lage.



Pretende-se investigar o cotidiano escolar da instituição, uma vez que a educação supõe uma construção social das alunas, mediante práticas responsáveis pela aprendizagem de hábitos, atitudes e habilidades que presidem em toda ação pedagógica. O trabalho tentará então resgatar um pouco da história da fundação e a vinda para o Brasil da Congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, a chegada e permanência em Diamantina (MG) e a fundação do Colégio Nossa Senhora das Dores.

Torna-se necessário analisar a diferenciação das alunas órfãs, internas e externas, na busca de compreender o seu dia-a-dia, na situação do orfanato, do Colégio e do internato, na busca de compreender o modo de convívio entre as Vicentinas com as alunas e a forma de como o Colégio impactava a sociedade diamantinense da época.

4. Metodologia:

Por se tratar de pesquisa histórica, é importante situar o raciocínio no tempo e no espaço, relacionar a pesquisa com o que já foi produzido sobre a temática para que o historiador da educação possa observar os acontecimentos históricos e tirar deles concepções de análises para suas interpretações da realidade. Neste contexto, é importante elucidar que o trabalho utilizou fontes primárias e bibliográficas.

5. A educação feminina: Como era a Educação Feminina no século XIX?

No século XIX e nas primeiras décadas do século XIX, especialmente em ambientes de cultura católica forte, a mulher era estigmatizada com os atributos imaculados de pureza, sendo vista de forma comparativa com a virgem Maria. O dever da mulher era atribuir valores morais na sociedade e, enquanto virgem, a mulher aproximava-se do modelo de santidade a ser seguido.



Nas Minas Gerais, como também em outras regiões do país, coube à Igreja muito mais que ao Estado, o papel de direção da política familiar, sobretudo no século XIX. Particularmente no que diz respeito à sociedade mineira provincial, o papel da Igreja desempenhada na organização da família foi de grande utilidade, principalmente porque sua atuação foi constante, diversificada e abrangente. Ela deu inclusão ao propósito institucional de integrar o catolicismo na vida dos fiéis, e foi operacionalizada mediante um ininterrupto trabalho missionário, em que se priorizaram as ações pastorais e educativas.

Os colégios confessionais, dirigidos pelas vicentinas, demandavam outro tipo de aprendizagem, além daquele que preparava as meninas para os cuidados com os filhos e a casa, especialmente porque ensinavam regras de civilidade, como comportar-se em público, a convivência de maneira polida, recatada e distinta. Dentro do discurso católico, a educação feminina nos internatos serviria também como preparação para a função sagrada da mãe e esposa, na família, seriam mediadoras da cristianização de seus filhos e filhas.

6. A vinda da Congregação Filhas de Caridade São Vicente de Paulo para o Brasil.

Diante da importância do trabalho da Congregação de São Vicente de Paulo na região de Diamantina, desde a fundação do Colégio Nossa Senhora das Dores em 1866, pretende-se priorizar este estudo para compreender o método educacional utilizado pela congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo na instituição.

A Congregação foi fundada em 1633 na França e teve como líderes Vicente de Paulo e Luiza de Marillac. Na sua fundação, a Congregação foi considerada uma organização com culturas e características próprias, compartilhadas pelas pessoas que a integravam e cujo objetivo principal era servir aos pobres, enfermos, órfãos, doentes e desalojados, demonstrando assim compaixão e amor ao próximo, ressaltando a religiosidade e os



princípios cristãos segundo doutrinas da Igreja Católica. Eram subordinadas à ordem masculina, a Congregação da Missão, fundada por Vicente de Paulo em 1625.

As *servas dos pobres*, como eram assim conhecidas essas mulheres no século XVII, geralmente eram compostas por solteiras ou viúvas que não possuíam recursos suficientes para os dotes do matrimônio ou ingressar em conventos. Com o aumento destas servas em todo o território francês, o nome do grupo foi mudado para *Filhas de Caridade*. Além destas, havia também as *damas de caridade*, que eram mulheres casadas pertencentes à nobreza ou à alta burguesia e que praticavam caridade, por meio de doações financeiras ou recolhendo em seus círculos sociais donativos que eram repassados, porém elas não circulavam pelas cidades e nem cuidavam de doentes. Este assunto era resolvido pelas Filhas de Caridade.

Vicente de Paulo acreditava que as Filhas de Caridade deveriam vivenciar e conversar sobre as necessidades da congregação, já que praticavam diversas ações, as quais constituíam as regras para as Filhas de Caridade, distanciando-as e diferenciando-as dos princípios das damas de caridade. A partir destas regras as damas ficariam responsáveis por angariar os fundos financeiros para as obras necessárias para que as Filhas de Caridade exercessem as funções diretas. A partir das regras, tornou-se necessário o estabelecimento dos hábitos para as congregadas e vieram também a observação dos votos da pobreza, castidade, obediência, caridade e união entre todas. As Regras foram aprovadas pelo arcebispo de Paris e pelo rei Francês em 1643. Posteriormente, pela Santa Sé em 1668.²

Além da Regra, as Filhas de Caridade seguiriam os diversos exemplos e explicações deixadas por Vicente de Paulo em mais de 100 Conferências realizadas e, ainda, nas diversas cartas trocadas entre os membros da Congregação. O conhecimento desta ampla obra escrita deveria fazer parte da vida cotidiana das vicentinas, complementando assim a formação dos valores vicentinos.³

² LAGE, 2013, p. 54

³ LAGE, 2013, p. 55.



A própria Regra instituiu que não eram religiosas e não pertenceriam ao clero regular, já que os seus diversos trabalhos eram incompatíveis com as particularidades religiosas das mulheres que seguiam horários definidos e passavam a maior parte do tempo orando. Por outro lado, também não possuíam espaço definido para habitar e dependeriam da atividade que exerceriam naquele momento; mas deveriam portar-se com modéstia e virtude como as religiosas enclausuradas. Como não eram consideradas religiosas regulares, mas viviam em uma companhia secularizada, também não faziam votos solenes, sendo que estes seriam renovados anualmente, possibilitando assim a renovação ou o afastamento das atividades caritativas, tornando-as livres para deixar a instituição a cada ano.

Com a demanda da caridade, foi necessário expandir a ação das irmãs vicentinas para toda a França, o que servia de modelo para novas congregações, sendo também solicitadas para outros lugares do mundo. Vicente de Paulo já previa a expansão da congregação, tendo em vista que as irmãs iriam para todos os locais onde houvesse necessitados, seja na África, na Índia ou em Guerras européias. Segundo o fundador, a caridade deveria chegar a todos os locais do mundo de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo. A partir do século XIX, o expansionismo das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo alcançou os *quatro cantos do mundo* onde houvesse necessidade, dando início assim ao processo de globalização das ações da Congregação Vicentina⁴.

Segundo o discurso papal, a Congregação ocuparia uma nova função na educação, devido à necessidade de manutenção dos novos métodos educacionais. Inicialmente, não era função das Irmãs de Caridade educar meninas pagantes, pois sua prioridade seria educar crianças órfãs no âmbito escolar, mas devido às dificuldades e necessidades de manutenção das congregações nos novos locais, ocorreu essa possibilidade de educar meninas pagantes. Ou seja, se tanto a localidade necessitava educar meninas, quanto o catolicismo necessitava utilizá-las como agentes em

⁴LAGE, 2013, p. 60.



defesa do cristianismo, as Filhas de Caridade estariam prontas para adaptar as suas ações para este segmento.

O padre Etienne, superior geral da Congregação da Missão em 1849 e diretor das vicentinas, compreendia que a educação feminina tornava-se a principal missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo. A seu ver, a formação educacional das mulheres multiplicaria os fiéis, fortalecendo assim o domínio da Igreja Católica.

Em 1847, foi fundada na França, a Associação das Filhas de Maria, que se constituía como uma reunião de meninas virgens, escolhidas pelas Filhas de Caridade entre as suas melhores educandas e que deveriam viver dentro dos princípios traçados nas doze virtudes cristãs, representadas pelas estrelas na Medalha Milagrosa de Nossa Senhora das Graças: “castidade, renúncia, recato, obediência, humildade, abnegação, paciência, caridade, simplicidade, modéstia, disciplina e prudência.” A medalha seria a exteriorização material dos valores, concepções, papéis e funções que seriam seguidos pelas meninas escolhidas.⁵

O grande centro produtor e irradiador das Filhas de Caridade para o mundo era a Casa-Mãe de Paris. Inicialmente eram enviadas em pequenos grupos, mas já no século XIX, verifica-se também o aumento nos números das Filhas de Caridade, proporcional ao aumento dos lugares conquistados e da ampliação das obras vicentinas. Uma vez instaladas, tornavam-se multiplicadoras da cultura e das atividades vicentinas, como também conquistavam novas adeptas à Congregação, principalmente pela fundação de Seminários/noviciados. Ocorria então um movimento de multiplicação das Irmãs e de suas obras.

No Brasil, verifica-se que as Irmãs vindas da França desembarcaram em diversas localidades. Inicialmente instaladas em Minas Gerais em 1849, na cidade de Mariana, seguiram depois para a fundação de diversos estabelecimentos do Rio de Janeiro, Bahia, Santa Catarina e Pernambuco. A movimentação das freiras aconteceu tanto diretamente da França para os novos locais que seriam ocupados, como também daquelas já estabelecidas

⁵ LAGE, 2013, p. 183.



em solo brasileiro e já acostumadas com a cultura local, para as novas Casas brasileiras.

A educação de meninas e jovens fazia parte dos conceitos elaborados pela Igreja romanizada, pois as alunas seriam posteriormente educadoras dos filhos e da sociedade conforme os princípios do catolicismo. Era, portanto, uma forma de preparação de agentes sociais.

7. O Colégio Nossa Senhora das Dores.

Conhecido como Colégio Nossa Senhora das Dores, esta instituição confessional foi fundada em 1866, pela congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo em Diamantina MG, pelos ideais ultramontanos fortemente aplicados pelo primeiro Bispo de Diamantina, D. João Antonio dos Santos⁶. Considera-se que a participação do Bispo de Mariana, D. Antônio Ferreira Viçoso, foi fundamental para o fortalecimento da obra em Diamantina.

As primeiras Vicentinas a chegarem a Diamantina foram às seguintes: Irmã Mantel (superiora), Irmã Marta, Irmã Chazei, Irmã Dranlet, Irmã Perrin, Irmã Rodicq, Irmã Lobo e Irmã Durou. O educandário feminino passou a funcionar em 1867 e foi responsável por educar várias meninas e mulheres de todo o norte-nordeste mineiro, inclusive da Bahia.⁷

O Colégio foi instalado no prédio chamado *Casa da Gloria*, tendo esse nome desde o século XVIII, por causa da sua antiga proprietária, D. Josefa Maria Da Gloria, que mais tarde deu o nome também à rua da sua casa. O prédio também foi a residência do primeiro Bispo de Diamantina até a chegada das vicentinas, D. João Antônio dos Santos (bispo, 1863-1905).

Segundo o jornal diamantinense *A Estrela Polar*, a instituição foi considerada como uma das maiores “glórias do episcopado de D. João

⁶ Segundo MUNIZ (2003), D. Viçoso foi o responsável pela instalação do Colégio Nossa Senhora das Dores em Diamantina. Após o levantamento preliminar das fontes, percebe-se que ele influenciou a instalação do Colégio na referida cidade, mas o responsável foi o recém-nomeado bispo de Diamantina, Dom João Antônio dos Santos, cidadão diamantinense, discípulo direto do Bispo de Mariana, formado dentro dos moldes do ultramontanismo no Seminário de Mariana.

⁷ MATA MACHADO FILHO, 1909, p. 30



Antonio dos Santos”, e foi, “sem duvida o Colégio Nossa Senhora das Dores entregue á hábil direção das irmãs de caridade.”⁸

O Colégio foi inaugurado, mas ao seu lado funcionava um bordel, o que perturbava a tranqüilidade das moças do internato, o qual era considerado imoral pelas irmãs. Deste modo, as Vicentinas propuseram ao dono do bordel a compra do prédio. Ele se recusou a fazer o negócio e, então, as alunas e as freiras fizeram uma novena para Nossa Senhora das Dores. No fim da novena, o dono do bordel aceitou vender o edifício. A novena e o atendimento da santa deram origem ao nome do Colégio.⁹

Conforme as normas do educandário, o contato com a rua devia ser evitado e, deste modo, as irmãs encontraram a solução para ligar os dois prédios onde funcionava a instituição: mandaram construir um passadiço sobre a rua e entre os prédios, e então as educandas e freiras não necessitavam sair à rua e também não eram vistas pelos transeuntes.

O colégio era frequentado por meninas órfãs pobres e meninas internas e externas.¹⁰ As internas eram de famílias de alto poder aquisitivo, filhas de fazendeiros e comerciantes da região. As órfãs ingressavam no orfanato geralmente a partir de dez anos e saíam quando completavam vinte e um anos, uma vez que, nesta idade, eram encaminhadas para trabalhar na fábrica de tecidos da vila de Biribiri, instituída como uma ação caritativa pelo Bispo de Diamantina em 1876.¹¹ Algumas poucas ingressavam na carreira religiosa e outras se casavam quando saíam do internato.

⁸Collegio de N. S. das Dores. Jornal Estrela Polar, 20-03-1903. Acervo Biblioteca Histórica Antônio Torres.

⁹ MARTINS e MARTINS, 1993, p.14

¹⁰Collegio de N. S. das Dores. Jornal Estrela Polar, 03-03-1906. Acervo Biblioteca Histórica Antônio Torres.

¹¹ Segundo MATA MACHADO FILHO (1909), inaugurou-se festivamente a fábrica do Biribiri, fundada pelo Bispo D. João Antônio dos Santos e sua família em 1876, inspirada, além do mais, no instituto de beneficiar moças e meninos. Começou a funcionar com 20 teares, sob a direção da firma, Santos & Cia. Criaram-se, também, oficinas de lapidação e fundição de metais, tendo saído dessa última o sino da Basílica do Sagrado Coração de Jesus.



Já para as alunas do educandário, verifica-se que a idade média era de 16 anos. As alunas internas deveriam portar um enxoval específico ao ingressar na instituição. Levavam tecidos para confeccionar as suas roupas, pertences de higiene e até os objetos para o quarto de dormir, como colchão, cobertas, fronhas, etc. Sem dúvida era o internato que fazia a fama do tradicional Colégio. A maioria das internas era de famílias de alto poder aquisitivo, como filhas de fazendeiros e comerciantes da região.¹²

Os espaços eram distribuídos criteriosamente pelas dependências do edifício. Nas dependências das órfãs havia refeitório, alojamentos, banheiros, uma sala de costura com uma grande mesa para a confecção dos trabalhos manuais e um altar com as imagens de Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora da Bambina.¹³ Neste espaço era proibida a entrada das internas e externas pagantes.

Quando a instituição já estava estabelecida e recebia diversas alunas, no século XX, o recolhimento das irmãs era próximo à secretaria, onde havia uma sala com um oratório, contendo as imagens de Nossa Senhora das Graças, São Vicente de Paulo e Santa Catarina Labouré. Havia ainda o gabinete da Madre Superiora, a enfermaria e a sala de recreação das irmãs. Ao lado encontrava-se o palco, a capela, campos de esportes, as salas de música, a horta, as criações de coelhos, de abelhas, de bicho-da-seda, a sala de encadernação, o grupo escolar mantido pelo educandário e uma indústria de sericultura.¹⁴

¹²Collegio de N. S. das Dores. Jornal Estrela Polar, 20-03-1903. Acervo Biblioteca Histórica Antônio Torres.

¹³ A imagem milagrosa de Santa Bambina foi feita em 1735 por uma freira franciscana. Durante os anos seguintes, ela foi para os cuidados das Irmãs da Caridade em Lovere, Itália. Em 1856, estas Irmãs da Caridade foram convidadas a assumir a gestão do Hospital de Ciceri em Milão e, em 1876, esta imagem de cera foi levada para a Casa Mãe das Irmãs da Caridade onde permaneceu. Muitas graças e milagres aconteceram pela intercessão de Maria Bambina, entre elas a recuperação da Irmã Josephine Woinovich que estava acamada e com dores insuportáveis e foi curada milagrosamente, após o ocorrido a imagem foi levada para a enfermaria onde ocorreram outros milagres, e assim a imagem passou a ser venerada.

¹⁴ A sericultura é a arte de criação do bicho-da-seda e está intimamente relacionada com a cultura da amoreira e criação do bicho-da-seda (casulo) que dará origem ao fio de seda.



Os espaços eram rigorosamente vigiados pelas irmãs e as alunas não podiam andar livremente nas dependências da instituição, uma vez que, para a ocupação de cada espaço estava vinculada uma atividade e uma hora precisamente determinada. Para ir de um lugar ao outro, andavam em fila e em silêncio e, somente com a autorização de uma irmã, as jovens poderiam transitar sozinhas pelo colégio. As desobediências às regras do silêncio e da fila eram rigorosamente punidas e as alunas que conversassem ou saíssem da fila ficariam de castigo no próprio corredor ou escadaria em que se encontrava, permanecendo imóvel e de pé¹⁵.

Ocorriam passeios semanais, porém eram raras as irmãs que levavam as pensionistas para passear no centro da cidade. O passeio era sempre em filas de três, com duas irmãs controlando o comportamento e observando tudo, especialmente as alunas que tinham namorados. A desobediência implicava a suspensão da aluna na semana seguinte, tal como as órfãs; porém os passeios destas aconteciam geralmente pelas cercanias de Diamantina.

Quanto às visitas das internas, estas aconteciam apenas no terceiro domingo de cada mês, em horários pré-determinados. As Irmãs permitiam somente parentes no parlatório, local destinado às pessoas que não pertenciam ao quadro do educandário.

As atividades pedagógicas do colégio iniciavam-se nas seguintes matérias: Catecismo da doutrina Cristã, Primeiras Letras; Língua portuguesa e francesa; Literatura; Matemática elementar; História geral e do Brasil; Geografia e Cosmographia; Pedagogia e Metodologia; Desenho linear e figurado; Costuras e bordados; História sagrada e profana; Botânica; Higiene; Economia Doméstica; Musica vocal e instrumental.¹⁶ Como nos demais educandários femininos de Minas Gerais, o currículo escolar do início do século XX, privilegiava as humanidades, a moral e a civilidade¹⁷.

¹⁵ MARTINS e MARTINS, 1993, p.14

¹⁶Collegio de N. S. das Dores. Jornal Estrela Polar, 20-03-1903. Acervo Biblioteca Histórica Antônio Torres.

¹⁷ASANO 2002, p. 3.



A rotina geral do colégio era rígida, uma vez que iniciava-se com a missa e logo depois iam para o refeitório, para o café da manhã. Havia quatro períodos de aulas: dois pela manhã e dois à tarde, seguidos de horários de estudos. As aulas e os horários de estudos ocorriam em um clima de silêncio e seriedade, mesmo porque as exigências de bom comportamento e aproveitamento eram muitas. Todas essas medidas tinham como objetivo regular formalmente as atividades das alunas e eliminar seu tempo psicológico ou intuitivo, inibir as oportunidades de um convívio mais informal e mais profundo entre elas e, por fim, submetê-las aos padrões considerados ideais para as Vicentinas que dirigiam o Colégio.

As matérias ensinadas no colégio deveriam ajudar na formação de requinte das meninas para a participação social, como em festas e eventos da cidade. Tais atribuições demandaram das jovens de elite outro tipo de aprendizagem, além daquelas que as preparava para os cuidados com os filhos e a casa, a de comportar-se em público, de conviver de maneira polida, recatada e distinta.¹⁸

As diferenciações entre as alunas órfãs, internas e externas, eram nítidas em todos os âmbitos, como no uniforme, trabalho, ambiente de convívio, normas, etc. As órfãs usavam uniformes para diferenciá-las das internas e externas. As mais antigas trabalhavam na cozinha do colégio, faziam a limpeza do dormitório das internas e dos jardins do educandário. As demais cuidavam da horta, da criação do bicho-da-seda, faziam bordados, enxovais e flores artificiais com a ajuda de algumas senhoras leigas.

As Damas da Caridade, além de ajudar as órfãs com aprendizado e confecção de enxovais e flores, faziam caridade com os pobres de Diamantina e a Associação era vinculada com o Colégio Nossa Senhora das Dores e funcionava em um dos salões do pavimento inferior do colégio para tais ações de caridade e benevolência.¹⁹ Estes trabalhos, que eram vendidos dentro e fora de Diamantina, constituíam uma forma de manutenção do

¹⁸Collegio de N. S. das Dores. Jornal Estrela Polar, 20-03-1903. Acervo Biblioteca Histórica Antônio Torres.

¹⁹ Damas de Caridade Jornal Estrela Polar, 20/03/1904. Acervo Biblioteca Histórica Antônio Torres.



orfanato, como uma maneira de recompensar as suas estadias. Em razão destes compromissos de trabalho, não freqüentavam os estudos secundários e aprendiam somente a ler, escrever e somar. Mas algumas órfãs eram escolhidas pelas irmãs, após demonstrarem bondade, submissão e as virtudes de Maria. Assim poderiam concluir os estudos.

Geralmente as órfãs eram tratadas duramente pelas irmãs, sendo que algumas sofriam castigos humilhantes na frente das alunas do Colégio. Eram obrigadas a rezar o terço de forma contínua e trabalhar dia após dia. Algumas das órfãs se sentiam discriminadas, mostravam o seu descontentamento e nem sempre ficavam de boa vontade na instituição. É importante ressaltar que as órfãs eram proibidas de se comunicarem com as internas e a desobediência a essa regra poderia resultar em expulsão da instituição.²⁰

As internas cumpriam uma rotina diária exatamente igual àquela das órfãs, a respeito dos horários, mas não nas suas atividades. As internas somente arrumavam suas camas, pois a limpeza estava vinculada às tarefas das órfãs. No final de cada série, as alunas deveriam mostrar um número determinado dos trabalhos manuais produzidos, mas, diferentemente das órfãs, os seus trabalhos ficavam para elas e as órfãs vendiam as suas obras para o sustento da instituição.

As externas freqüentavam somente o educandário durante o dia e, à tarde, retornavam para as suas casas. Os contatos entre as externas e as internas eram totalmente restritos para os estudos, pelo receio de que as externas poderiam contaminar as internas com os “perigos” do mundo de fora, e fazer favores, tal como mandar recados das pensionistas para seus namorados. As relações entre as irmãs e as pensionistas eram de poucos contatos, uma vez que as irmãs pouco dialogavam com as jovens e nem discutiam com elas sobre os “problemas” da adolescência. Ao contrário, exigiam muito silêncio. Pode se dizer que não estavam interessadas em serem íntimas das moças, bastando-lhes a conformidade exterior do comportamento das alunas ao modelo feminino ideal exigido pela Congregação. Porém, havia algumas irmãs que mantinham relações mais

²⁰MARTINS e MARTINS, 1993, p.15.



intimas com as alunas ou com alguns grupos, caracterizavam-se como religiosas que despertavam mais simpatia com as jovens e tinham um pouco mais de abertura para conversar com as moças. Essas irmãs eram as mais jovens entre as religiosas e eram aquelas que mais mostravam flexibilidade quanto ao regime disciplinar, moderando os castigos, tornado assim uma “mãe de classe” para essas alunas. Por outro lado, a todo o momento, a maioria das irmãs reforçava a noção do pecado e constantemente davam sermões e lições de moral para o grupo. A preocupação com os homens, mesmo parentes das alunas, era quase obsessiva e as irmãs não perdiam a chance de relembrar para as órfãs e internas, o mesmo conselho: “não se aproxime dos homens porque eles são perigosos”.²¹

“Uma Filha da Caridade é a mãe, com a ajuda de Deus, da menina do povo. Ela a envolve de cuidados, de afetos, de conselhos, e de toda a solicitude da maternidade na ordem da salvação.”²² A imagem de solidariedade e coesão na instituição deveria chegar até o mundo exterior. Daí a necessidade de manter contatos ritualizados com o povo da cidade e, por meio de procissões e desfiles cívicos, as alunas saíam impecavelmente vestidas e organizadas. Os contatos com o exterior auxiliavam no processo de reconhecimento público do Colégio Nossa Senhora das Dores.

Por meio de alguns depoimentos de ex-alunas, percebe-se que havia algumas irmãs que adulavam as internas mais ricas, cujos pais eram geralmente fazendeiros e faziam doações consideráveis para o colégio: queijo, manteiga, carne de porco, etc. Para romper um pouco do rígido formalismo, ocorriam eventos em que as irmãs e alunas interagiam entre si. As internas faziam os bailes onde podiam montar o palco, decorar o salão com material barato, como papel e retalhos de pano. Suas roupas também eram confeccionadas com estes materiais. Havia música, canto e dança, onde participavam também as externas e as irmãs demonstravam alegria. Outra meio de convívio eram os jogos ao ar livre, sendo que as internas, externas e religiosas esqueciam as diferenças sociais com essa prática informal.²³

²¹MARTINS e MARTINS 1993, p.16.

²²LOPPES, apud MARTINS e MARTINS, 1993, p.17

²³MARTINS e MARTINS 1993, p.17.



No caso das órfãs, a festa de natal era o meio de convívio mais fraterno com as Vicentinas, quando as irmãs montavam uma grande árvore, onde penduravam presentes e preparavam uma grande mesa para a ceia, que era farta e agradável, além de serem dispensadas de alguns deveres. As irmãs tratavam as jovens cordialmente, sensibilizando-as.

A Associação das Filhas de Maria do Colégio Nossa Senhora das Dores, foi instituição religiosa criada em 1875 na cidade de Diamantina e que, até o ano de 1948, expandiu-se consideravelmente, chegou a contar com 117 associadas e 11.623 associadas em todo o Brasil. As análises das prescrições religiosas quanto aos comportamentos que deveriam adotar as Filhas de Maria, bem como o desvendamento das práticas e posturas que presidiam a sociedade mineira do século XIX, possibilitou observar que as mulheres apenas eram aceitas e legitimadas pela sociedade a partir do momento em que se anulavam em prol do marido, dos filhos ou do Esposo Divino, independente do estado escolhido. Era, em suma, um ser que vivia para os outros, que não tinha existência em si. A associação analisada funcionava em anexo ao educandário do Colégio Nossa Senhora das Dores.²⁴

Em Diamantina, para conseguir a lealdade das jovens, as alunas eram incentivadas a se tornarem “Filhas de Maria”. Tanto órfãs como internas menores recebiam uma fita cor de rosa, que representava o menino Jesus; logo após, dependendo de seus gestos e comportamentos, recebiam fitas roxas e verdes que eram a preparação; por fim recebiam a fita azul das “Filhas de Maria”. Para a obtenção desta última, a jovem deveria imitar as virtudes de Nossa Senhora, mostrar-se humilde e obediente. Considerava-se a maior honra alcançar essa condição, sendo que muitas das alunas não conseguiam tal privilegio; as fitas eram usadas para frequentar a missa, participar de festas, procissões e reuniões com a madre superiora.

As regras do colégio sempre sofreram pequenas e constantes *afrontas*, como o caso do roubo de frutas e legumes da horta, mesmo sendo ainda impróprias para o consumo; também o roubo de pinhas, que as irmãs acreditavam ser prejudicial à saúde; outra maneira de quebrar as regras,

²⁴ ASANO, 2002, p. 4



com vantagem de ganhar maior tempo de descanso, quando as moças simulavam mal estar logo pela manhã e evitando o comparecimento à missa; havia também as fugas à noite para encontrar os ginásios do Colégio Diamantinense em 1940. Segundo Marcos L. Martins e Júnia M. Lopes Martins, muitas alunas acabavam sendo apanhadas e levavam severos castigos, e ocorria a convocação dos pais para serem informados da ocorrência.

Uniformidades de gestos, comportamentos e pensamentos em conformidades com os ditames da tradição católica; do ponto de vista do Colégio e da família, educar as moças eram fazer que elas introjetassem um modelo feminino tido como adequado, perfeito e acabado. Buscava-se instaurar conformismo e compromissos²⁵ Com o desenvolvimento do presente trabalho, foram encontrados depoimentos no artigo de Marcos L. Martins e Júnia M. Lopes Martins, de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora das Dores dizendo “que o tempo que viveu na escola, foi uma época boa, alegre e edificante.” No imaginário das ex-alunas, consideram ainda hoje exemplar a qualidade do ensino e o ambiente de estudo que havia no Colégio. Fizeram apenas um reparo quanto à educação que receberam; achavam que não foram dadas orientações necessárias para enfrentar o mundo, ou melhor, para entender os homens, a sexualidade, as paixões e o casamento²⁶.

8. Resultados:

Assim podemos perceber a função desempenhada pelas escolas femininas, laicas ou religiosas, nesse contexto: a de constituir, depois da Igreja, o primeiro espaço público em que as meninas e mulheres livres, dos estratos médios e superiores da sociedade, passaram a frequentar, sem maiores riscos quanto à perda da honra e da dignidade.

Além disso, para algumas dessas alunas, a instrução recebida acenava-lhes com a possibilidade de exercerem uma profissão que, embora

²⁵ MARTINS E MARTINS, 1993, p.15

²⁶ MARTINS e MARTINS, 1993, p. 13.



fosse mal remunerada, assegurava-lhes, porém, não apenas honradez e dignidade, mas principalmente distinção. Cabe aqui ressaltar que esta é uma discussão inicial, que visou atender os objetivos de identificar a educação e a formação na segunda metade do século XIX das mulheres e, principalmente, das alunas diamantinenses pagantes e órfãs do Colégio Nossa Senhora das Dores, baseadas na moral cristã e moldadas pelas Irmãs Vicentinas. Solicitadas pelo bispo local, D. João Antônio dos Santos, vindas diretamente da França para exercer tanto funções educacionais, quanto caritativas.

9. Considerações Finais

Este trabalho tentou desvendar as diferenças operadas na experiência da escolarização, esse processo que se deu no interior das escolas e cuja função residia em produzir desigualdades sociais e particularmente a de gênero.

Com este trabalho observou-se a discriminação da mulher tanto no âmbito social como no ambiente escolar, e sua formação direcionada para o objetivo comum de preparação para o desempenho dos papéis femininos, tradicionalmente predestinadas pela sua condição de gênero: mãe, esposa e educadora.

Assim, percebe-se como a representação social das mulheres, em todo o trabalho encontrava-se vincada pela idéia de sua naturalizada fragilidade e incapacidade, tanto física quanto moral, sendo imprescindível que elas obedecessem e respeitassem seus pais, maridos ou líderes para serem sempre protegidas e preservadas.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a Paixão pelo Possível*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.



ASANO, Sandra Nui. Colégio Nossa Senhora das Dores e a Formação das Piedosas Filhas de Maria, Dedicadas Professoras e Perfeitas Esposas. In: Congresso Brasileiro de História da Educação Natal: UFRN, 2002.

Collegio de N. S. das Dores. Jornal Estrela Polar, 20-03-1903. Acervo Biblioteca Histórica Antônio Torres.

Collegio de N. S. das Dores. Jornal Estrela Polar, 03-03-1903. Acervo Biblioteca Histórica Antônio Torres.

Damas de Caridade Jornal Estrela Polar, 20/03/1904. Acervo Biblioteca Histórica Antônio Torres.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Pedagogia Vicentina: As Primeiras Escolas Confessionais Femininas em Minas Gerais na Segunda Metade do Século XIX (Mariana e Diamantina). In: V Congresso Brasileiro de História da Educação. Aracaju: UFSE, 2008

LAGE, Ana Cristina Pereira. Conexões Vicentinas: Particularidades Políticas e Religiosas da Educação Confessional em Mariana e Lisboa Oitocentista. Bauru, SP: Paco Editorial, 2013.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Arraial do Tijuco Cidade Diamantina. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

MARTINS, Marcos Lobato, Martins, Júnia Maria Lopes, O Colégio Nossa Senhora das Dores de Diamantina e a Educação Feminina no norte\nordeste mineiro(1860-1940)- Educação em Revista, Belo Horizonte (17): 11-19,11-19, jun,1993.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Um Toque de Gênero: História e Educação em Minas Gerais (1835-1892). Brasília: Editora Universidade de Brasília; FINATEC, 2003.

Vídeo: Entre Rezas e Risos. Disponível em:<http://www.youtube.com/watch?v=vAxf9Fwyh80>. Acesso em 22/05/2014